



Arte e Tecnologia: imprimindo a imagem da periferia¹

Edvaldo Siqueira ALBUQUERQUE²

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

Nome do autor³ Edvaldo Siqueira Albuquerque

Orientador(a): Prof. Dr. Antônio Wellington de Oliveira Júnior

As reflexões filosóficas e estéticas lançadas no período compreendido entre as grandes guerras por Walter Benjamin foram seminais para a interpretação do papel das artes e da comunicação no século 20. O caráter prognóstico de suas idéias permitiu fazer uma prospecção futura do ambiente tecnológico que viria surgir nos tempos de economia de mercado. A partir da identificação do advento da reprodutibilidade, enxergou novos horizontes para as artes e lançou luz sobre a recepção democrática da atividade artística, cuja realização deve ser dada para o consumo das massas. O que proponho é analisar a imagem digital advinda das comunidades da periferia de Fortaleza hoje, tempo onde a tecnologia domina todas as áreas de sua produção audiovisual, a fim de comprovar criticamente o êxito do empreendimento *benjaminiano* e entender até que ponto a tecnologia toca tal produção, favorecendo-a ou não. Para isso, procurando atualizar conceitos, investigo a produção imagética digital de algumas organizações sociais na periferia de Fortaleza.

Palavras-chave: Cinema; Estética; Política; Mídia; Tecnologia;

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação Audiovisual, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Pós-Graduação do Curso de Mestrado em Comunicação – UFC. E-mail: valdosiqueira@gmail.com.



Meio documentário, meio ficção, início evocando uma imagem muito próxima do real, numa tarde suada, passada diante dos olhos. Sentado num banco de madeira, embaixo de uma velha árvore, um frondoso e distorcido benjamim, lembrei-me que aquele lugar e a sua atmosfera já haviam sido imortalizados pelos olhos de Welles³ na década de 40, o *Mucuripe*. Diante de mim, ao pé da rua São João, via que dá acesso ao morro, no movimento de ida, um velho pescador sobe com uma corda de peixe, silente, enquanto um skatista desce em grande velocidade, ruidoso.

Essa é uma imagem que pode ter acontecido ou não na tela, mas se mostrou disposta diante da tarde que caía. Duvidei se havia realmente visto aquilo ou se estaria construindo ou idealizando algo que gostaria de ter visto como realidade na tela. Havia algo ali que desestabilizava o olho e ao mesmo tempo dialogava com ele, um êxtase e uma frustração devaneados, lançados um contra o outro.

O presente trabalho discorre sobre muitos temas, entrelaçados, porém, refletirei em particular acerca de um universo contemporâneo repleto de imagens, que toca a maioria das periferias brasileiras. A investigação se prende à análise de imagens advindas das comunidades mais humildes da cidade de Fortaleza.

Autores apontam a necessidade de revisarmos a produção constante de novas realidades a partir de imagens. É o caso de Marcelo Dantas em “Ecos do Cinema – de Lumière ao digital”, organizado por Ivana Bentes.

Eu sou a favor de uma moratória das imagens, Devíamos parar de produzir imagens e consumir aquelas que já foram feitas. A imagem, que era muito precisa e valorizada, passou a ser vulgarizada e perdeu todo o seu impacto. A imagem, que valia mil palavras, vale hoje uma duas ou três (MARCELO DANTAS, p. 155).

Entendi que Dantas chamava atenção para a revalorização da imagem, investindo numa reeducação radical. Meu empreendimento começou, portanto, aí nesse pensar, que se transformou nesse artigo. Discorro, pois, sobre temas diretos e transversais à produção audiovisual, comunicação, tecnologia, capacitação profissional, educação e modelos de comunicação popular, como também sobre o impacto das chamadas Tecnologias de



Informação e Comunicação (TICs) nas comunidades periféricas da cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, Nordeste do Brasil.

“Arte e Tecnologia: imprimindo a imagem da periferia” é o título de uma investigação que realizo de forma sistemática e específica, tema que se fez estudo vivo em minha prática diária e empírica no interior de organizações sociais, onde se desenvolvem formação educativa e de capacitação, em que as manifestações audiovisuais e o uso de redes eletrônicas de comunicação são utilizados como instrumentos de materialização de idéias. Com o foco em narrativas urbanas digitais contemporâneas, através de imagens eletrônicas e pelo compartilhamento de produção via rede, proporcionados por adolescentes da periferia da cidade de Fortaleza, propus tatear becos e submundos onde houvesse a clara intromissão da linguagem digital no realizar videográfico, instrumento fonte de autonomização àqueles que, muitas vezes, sequer se libertaram do analfabetismo das letras. Cumpre um fim, de antemão, reconhecer certa transitoriedade dos dados aqui recolhidos, pois que o esforço de atualizar as informações deste artigo exige datá-lo em seu *aqui-agora*, seu estado do hoje, março de 2009, porque, penso, na sociedade digital contemporânea, um mês é suficiente para permitir alguma distorção.

Optei por processar minha investigação a partir dos meios tecnológicos de que dispõem os realizadores da periferia, entrevistando-os, *in loco*, durante o *set* de gravação. Esse trabalho se deu também com os gestores das organizações, quando pretendi mapear com imagens, o bairro, a casa, os trajetos percorridos, a diversão, situações típicas, comidas, histórias, lendas e mitos do lugar, etc. Por tal metodologia, este trabalho não deixa de ter um caráter antropológico, a investigação pretendida, em cerca de um ano, sendo parte, em paralelo com a leitura, parte em reflexões externas à leitura.

1. O Digital e sua Rede

O que nos parece não poder ser questionado é que vivemos um momento de transformação profunda de relações, o que reverbera na comunicação entre as pessoas e entes. Isso, evidente, influencia, sobremaneira, na reeducação, na necessidade de uma revisão, num dever da educação, pois os novos tempos nos obrigam a sair da imobilidade, fato que pode ser comprovado na pesquisa em curso desse objeto, que se



desatualiza em poucos dias, em virtude do ritmo veloz de mudanças que se opera na sociedade.

Remontando ao exemplo imaginário inicial, hoje nos aproximamos bastante da possibilidade de substituímos o ver e o ouvir, ou pelo menos transferi-los do lado interno para o lado externo do corpo. A comunicação tem vislumbrado novas formas de relação entre o corpo e os sentidos, pela percepção. Em grande parte, se deve à tecnologia essa nova forma de comunicação, onde a percepção pode estar mesmo fora do sentido. Em *“Pra que sentido? – O digital, suas ramificações”*, artigo do aludido autor Marcelo Dantas, se sustenta a idéia de que “uma tecnologia é uma linguagem”, por isso nos vemos o tempo todo diante da necessidade de adaptação aos novos sentidos, estes hoje, externos ao corpo, repousados no espaço virtual, quando, seguindo um exemplo, somos impelidos a explorar novas mídias para nos comunicarmos (pág. 151). Ao verbo impelir, não acrescento nenhuma idéia de exclusão, pelo contrário, concordo que, em parte a tecnologia digital tem trazido novas chances de aceitarmos a democratização dos meios de produção, ainda que reconheçamos não estarem estes ao alcance de todos. Adiantando em sua reflexão, Dantas sugere que praticamente tudo o que é feito hoje em digital já havia sido feito em analógico, contudo, com enorme diferenciação, já que, logo em princípio, haveremos de constatar que a tecnologia sempre esteve trabalhando a serviço dos donos do capital.

Se concordarmos que em grande medida as transformações proferidas no momento de passagem de uma para outra, analógica para a digital, têm o tom altivo do desígnio do capital, começaremos a compreender o que havia pensado em suas predições e análises, o filósofo Walter Benjamin. Este autor, foi, sem dúvida, um dos primeiros filósofos a identificar a produção de imagens (fotografia, cinema, obra de arte reproduzível etc), na passagem de um século a outro, como potencial transformadora das sociedades da Era Contemporânea. O digital, nesse sentido pensado por Dantas, em consonância com Benjamin, tem reparado, portanto, o sentido de democratização, num enlace entre tecnologia e classes populares, independentemente de estas compreenderem o que, objetivamente, essa transformação tem significado para a vida delas. Esse espaço novo de paradigma requer muitas reflexões, uma delas passa pela educação e o seu devir histórico.



Começamos a investigação de campo pela educação, considerando-se que *a priori*, no que toca às questões ligadas ao sistema de aprendizagem baseado na sala de aula em ambientes presenciais criados para o aluno aprender, existem diferenças fundamentais nos modelos de aprendizagem, sendo, portanto, que nos cabe identificar duas formas de comunicação visíveis na periferia da cidade: a forma de comunicação tradicional baseada somente na transmissão pela palavra e pelo texto e uma outra possível, particularmente a que se dá em organizações sociais, entre os oprimidos (reais e virtuais), moradores periféricos de Fortaleza, que se utiliza de ferramentas comunicacionais antes tidos como alternativos, como a câmera de vídeo, por exemplo. Diante dessa constatação, cômico do papel importante das possibilidades de ação de cada uma, muitas são as questões levantadas, porém as perguntas as quais se pretende responder no percurso da presente pesquisa são:

Por que se forma uma dialética nova na produção e na recepção de conteúdos audiovisuais nas organizações sociais em Fortaleza? Por que as narrativas audiovisuais se tornaram um veículo democrático de expressão e se incorporaram ao cotidiano dos mais humildes? Qual o alcance dos produtos e obras advindos desses espaços no seio das comunidades periféricas? É possível se pensar em uma “alforria audiovisual” pela educação e por quê? Por que as tecnologias audiovisuais digitais se engendraram tão rapidamente nos novos modelos de ensino e aprendizagem? Por que as narrativas audiovisuais nascem como antípodas do mercado? Quais são os diferenciais de realização dessas imagens dos desvalidos sobre si mesmos?

Para isso, a investigação tem forte ligação com o *in loco*, muitas visitas e um grande número de entrevistas, elo de aproximação dos conteúdos teóricos da comunicação com a lógica que toca diretamente os realizadores dessas imagens, sobretudo, os autodidatas. Por se tratar de um estudo que, ao privilegiar Walter Benjamin considera um pensador vivo, cujo caráter inovador de seu pensamento rompe com as concepções tradicionais, quer de “ético”, quer de “verdadeiro”, esta investigação, dada a ausência de pesquisas sobre as imagens produzidas em organizações sociais das periferias de Fortaleza, buscamos sistematizar a experiência de adolescentes, avançar na pesquisa desses conteúdos, compreender a complexidade das relações que se travam entre tradição e inovação na capacitação educativa destes.



Um de nossos objetivos é o de compreender o processo detonado pela intromissão da tecnologia digital na vida cotidiana de adolescentes brasileiros, tendo como objeto de estudo a associação de seus aspectos mais gerais, quais sejam, o filosófico, o antropológico, aos mais específicos, ligados ao mundo que nos é dado, à *praxis* cotidiana, ou seja, investigar até que ponto se deu a interferência das estruturas tecnológicas advindas do digital nos grupos sociais menos favorecidos da cidade de Fortaleza.

Pretendemos refletir sobre a possibilidade de uma análise estética do conteúdo da produção de imagens nas organizações sociais da periferia desta cidade, sistematizando a experiência do olhar em sua forma de expressão audiovisual (linguagem videográfica) e a criação de comunidades virtuais (*on line*), como forma de narrar a realidade e seus caracteres identitários, porém, não é propriamente um estudo de recepção o que desejamos. De forma mais específica, encaro o estudo como oportunidade de apreender o significado histórico-filosófico da experiência pós-moderna advinda do pensamento benjaminiano, já que é sobre Walter Benjamin que me debruço nesse empreendimento. Permaneço pensando que, ante o projeto moderno de sociedade, se trouxermos para o plano de uma sociedade desigual como a brasileira, me faz muito sentido discutir o pensamento benjaminiano, em face das transformações que estão sendo geradas pelos produtos culturais e artísticos saídos dessas comunidades, o que configura uma inovação no plano educacional, posto que explicita diferenças visíveis entre a “comunicação tradicional” e a “comunicação do oprimido”. Isso me impele a refletir sobre a relação possível entre uma aura analógica e a reprodutibilidade digital, conceitos que dizem muito perto ao pensamento do filósofo judeu. Porém, como ressaltado antes, também pretendo perceber a recepção pelo olhar para as experiências do mais próximo: o lugar onde estou “aqui-agora”, consciente da transitoriedade presente.

2. Desafio do nosso Tempo

A verdade das coisas depende do lugar que se ocupa na interpretação dos eventos⁴

⁴ VATTIMO, Gianni. Adiós a la verdad del factos. Madri: *El País*, 29 abr. 2004. p. 13. Entrevista concedida a José Andrés Rojo. Tradução própria.



Ao público, quase nunca compete escolher o que quer ver na tela. Fruto da ação maliciosa de pequenos grupos que gerem todo o sistema de comunicação globalmente, de onde brotam interesses de ordem econômica em primeiro plano, antes mesmo de qualquer julgamento do objeto artístico, algumas obras nascem alienadas de si mesmo e do público. O que é fundamental para estes conglomerados é a aura de unicidade, de uma mercadoria exclusiva que pertence a uma só entidade: o capitalista, dono de uma relíquia. Justamente o inverso da exaltação estética de que faremos na investigação vindoura. A alternativa apontada pelo autor-chave para os estudos – Walter Benjamin – se instaura no campo das lutas de classes, dado que defendia para a arte um espaço inteiramente desvinculado de instituições, como, a religião, por exemplo. Várias outras formas de conhecimento oriundas do desenvolvimento tecnológico (que não são filosóficos, nem estavam disponíveis na época em que ele viveu) se incorporaram ao percurso etário da chamada Sétima Arte, capazes de dimensionar o alcance dos prognósticos benjaminianos, hoje nos entregam uma radiologia do nosso tempo, era das imagens. Historicamente, não há como negar que as reflexões de Benjamin significam tentativas, desde que surgiram as artes individualistas, de produzir arte com a finalidade de chegar às grandes massas. A produção imagética de hoje, como a do tempo do filósofo judeu, continua a nos dar muitas lições. Sabemos, inclusive, que o que a arte cria hoje pode amanhã se voltar contra ela ou talvez contra a humanidade. E, a própria sociedade deve ser responsável pelo contraponto a esses tempos de parcas escolhas. Pretendemos estudar uma dessas alternativas, onde público e produção se misturam, dentro e fora da tela. Por isso, nos engendramos nos dois mundos criados dentro da sociedade contemporânea, um demarcado e territorializado, real. E outro, tido como ilusório e irreal, virtual, que é justamente onde muitos eventos têm acontecido para transformar o curso do real.

O debate acerca do marco histórico-filosófico entre a Era Moderna e a Era Pós Moderna já havia suscitado acalorados embates entre pesquisadores de quase todas as áreas da ciência. Muito além da simples situação cronológica, tal definição serviria para anunciar o que de fato cindiu tais períodos. O que nos cabe analisar hoje são períodos novos cindidos, os novos paradigmas existentes na comunicação, a partir do surgimento das novas tecnologias e particularmente da determinação numérica, do digital, das tecnologias multimídias e interativas, como professa, por exemplo, o pesquisador do MIT Federico Casalegno, um estudioso dos sistemas móveis para a tecnologia. Um dos



principais desafios da educação ontem era o espaço, por isso, o vídeo ganhou importância, pois, em primeiro plano era possível mandar um VT (vídeo tape) para outro lugar, transmitindo a oralidade eletronicamente e, posteriormente, por satélite. Hoje, a educação à distância tem vencido os espaços justamente pelo auxílio da tecnologia, ao “criar um ambiente comunicativo capaz de permitir aos integrantes de uma comunidade local e territorializada partilhar as informações concernentes à sua vida cotidiana”, segundo Casalegno. Essa percepção desse autor nos parece cair muito bem no exemplo prático que nos atemos aqui, as comunidades humildes da periferia da cidade de Fortaleza, Ceará.

Se concordarmos que em grande medida as transformações proferidas no momento de passagem de uma para outra têm o tom altivo do desígnio do capital, começaremos a compreender o que havia pensado em suas predições e análises, o filósofo alemão, um dos primeiros a identificar a produção de imagens (fotografia, cinema, obra de arte reproduzível etc), na passagem de um século a outro, como potencial transformadora das sociedades da Era Contemporânea.

O conhecimento, então, um xadrez na Modernidade, que já foi ditado nos conventos na Escolástica, nas lides científicas pós Iluministas e nas carteiras escolares na Pós Modernidade, simbolicamente um tabuleiro de escorpiões, que, com o objetivo de defender o progresso tecnológico, privilegiando sua ação acima de inúmeras outras que pudessem democratiza-lo, acabava por gerar, na medida em que não protegia sua salva-guarda, ou seja, o homem simples, os que estavam na frente do processo (eles próprios é que produziam a tecnologia), fazendo jogar suas peças umas contra as outras, tornava desigual o tabuleiro. Por muito tempo, as teorias da educação, desde Emílio⁵, buscou elaborar saídas para tais impasses, saídas baseadas na ética. Tal antítese constituída, talvez, prove o quanto a teoria inacabada de Benjamin ainda estivesse longe de poder prever tamanhas transformações (e retrocessos) na sociedade vindoura. Questões que demandam urgência em serem resolvidas são palavras de ordem na ótica do autor. Tal demanda jamais ficou desatualizada, daí, aludindo um pensamento que perpassa quase toda sua obra, “construir sobre ruínas”.

É interessante perceber como alguns sutis conceitos da investigação de Benjamin se deslocaram, o que confirma sua intenção em se erigir novos tempos, às

⁵ Uma das obras de Jean-Jacques Rousseau tida como referencial para o estudo da educação.



custas da união de fragmentos de tempos e espaços. Como é o caso da aura da obra, antes perdida ao descer do altar do sagrado, da mítica da obra autêntica, da cúpula do templo inalcançável pelo solo. Contudo, hoje, em contraponto, alguma aura parece ter voltado a existir. Resultante das lides do capital, ela está diretamente ligada ao mercado, ou seja, há obras que só conseguem alargar o alcance de recepção enquanto estiverem em conformidade com um mercado, que lhe dão uma idéia de “utilizável” em princípio, para, muitas vezes, depois, descartá-la. O mundo da publicidade, detalhado criticamente por Benjamin, com seus interesses de estetizar a política, criou enormes tentáculos sobre a sociedade contemporânea e hoje se efetivou de forma concreta a determinar o que é melhor para o mercado, ou qual aura é a da vez.

Verifica-se que a sociedade contemporânea conduzida pelos meios de comunicação⁶, se vê questionando verdades até então cientificamente inabaláveis, percebendo que mesmo a ciência está *fluidica e desenraizada*, fruto de uma verdade “frágil”. Pensar de forma “frágil” significa, por exemplo, para Vattimo, aprender a não ressentir a ausência de um fundamento como “falta”, mas pensar como uma chance que se oferece, pois o ser, após um período de total esquecimento apresenta-se sob a forma da fragilidade: escapar do pensamento violento da metafísica, pois não há mais verdade, nem fatos, mas interpretações. O filósofo italiano também preocupou-se com o enquadramento da problemática levantada em nossos estudos, obtendo acento diferenciado do olhar benjaminiano, não sem antes concordar com ele, apesar de apontar as variáveis que decorrem a partir da análise temporal de cada evento, ou seja, as preocupações de Benjamin não seriam atuais, se não enxergássemos-las com o olhar de seu tempo. O olhar do tempo para as imagens, assim como na obra de W.J.T. Mitchell, “What do pictures want?”, em que nos interroga a partir de sua capa. As vidas e os amores das imagens, isso existe? Será que elas não estão “falando” para nós, tanto quanto os textos? Voltamos a Aristóteles e sua lógica, quando afirmava em sua *Poética*, que imagens são produto da poesia e a poética nos interpela. É como se imagens fossem algo vivo, algo que pudesse “dizer” do nosso tempo. Mais do que nunca, a imagem “pensa” e “pensada”, no interior do digital.

Embebido quase numa amnésia histórica, particularizando e historicizando o universo digital, nos vemos no esquecimento dos antecessores requisitos para que o

⁶ Cf. VATTIMO, G. *A sociedade transparente* [1989]. Trad. port. Carlos Aboim de Brito, Lisboa: Edições 70, 1991, p. 9-19.



cardinal tenha tido essa importância viva, por isso, vamos buscar na civilização grega, pós orfismo, quando atributo de Pitágoras, ao que nos conta a História, começa o novelo da determinação numérica, do mundo e sua determinação para as relações com o número, desenrolado na *Falsafá* árabe, chega aos nossos tempos revestido de ilusório ou imaginário, espelho de uma nova realidade, a virtual.

São muitos os autores que preocupam-se com esse verbete, virtual, porém, amparo-me em um dos mais notórios em identificação com o tema, o filósofo francês Pierre Lévy, quando diz: “rigorosamente definido, tem somente uma pequena afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário”, talvez complementando o que já dissera Giles Deleuze em *Difference e Répétition*, “o virtual possui uma plena realidade, enquanto virtual”. Muito se escuta sobre essa aura falsa do virtual, uma obrigação de que se apregoe um retorno ao que é, de fato, “verdadeiro”. Mas, seguindo o conceito de reprodutibilidade do século passado, o que ocorrera á produção a partir do surgimento da linguagem digital foi justamente o oposto à inverossimilhança apregoadas por alguns teóricos, tendo em vista que qualquer produção digital permite uma cópia quase perfeita e se dá aos sentidos com a liberdade subjetiva da interpretação. De alguma maneira, há uma perda da aura, ou, no mínimo, um enfraquecimento desta.

Entretanto, há outros tipos de aura vigentes. A publicidade sabe utilizar-se muito bem dos conceitos da reprodutibilidade, por isso, torna-se importante agente de divulgação dos interesses dos grupos econômicos proeminentes. É como se os meios de comunicação e o mercado, além de terem resgatado a aura, ainda pudessem controlá-la. Essa é uma discussão que não tem sido passada a limpo como merecia. Ela é por demais universal para que fique restrita a alguns poucos, às elites, seja do pensamento como do capital. Justamente por não haver mecanismos eficazes de contraponto a esta ordem econômica vigente é que surgem estas disparidades de consciência, uns que sabem muito e muitos que nada sabem. Nesse sentido, o trabalho de formação comunicacional advindo de organizações sociais da periferia das cidades brasileiras tem trazido à tona a discussão, enquanto contraponto ao mercado produtor industrial de imagens.

Naturalmente, a arte a que nos referimos em parágrafos anteriores é parte do reflexo do capitalismo tardio, da sociedade do consumo e da mídia. As obras têm ficado cada vez mais parecidas umas às outras, devido à banalização dos ideais de mercado



que leva à geração de elementos “aurais”. Marx procurou formular através da relação entre produto e o seu valor, aplicando mecanismo de cálculo simples que implicava no número de horas trabalhadas mais o valor justo para seu lucro. O que estivesse acima desses parâmetros era considerado abusivo, a mais valia.

A contemporaneidade criou fetiches, objetos de veneração, e necessidades alienantes, que acabam por contribuir para a aparição do imaginário coletivo preconizado, sério obstáculo para a emancipação artística desejada por Benjamin. Especificamente o cinema de Hollywood que detém a primazia das grandes produções, de orçamento elevado, mantém uma padronização estética e privilegia o gosto fácil, sem roteiros complexos, e ainda lançam estrelas à fama, tudo isso como meio, para, no final do processo, através de campanha publicitária, vender mercadorias relativas às produções, o que normalmente rende o mesmo custo do filme. O público se vê atraído pelos fetiches criados no seio do capital e se permite aderir aos desejos das elites. Isso acontece freqüentemente por intervenção de processos onde as imagens estão envolvidas, como acontece com o cinema e a televisão. Mas, como essa arte tem menos compromisso consigo mesma, não estranha que se exclua do compromisso com a sociedade. Uma politização estética às avessas, que subjuga o público massivo a mero receptor e transforma a recepção tátil em consumo imediato. Pode, por isso, ser considerada aética e até mesmo inumana, visto que concentra a riqueza e globaliza a pobreza. De certo modo pode-se afirmar que houve apropriação do capital por todos os meios de reprodutibilidade técnica, que causa opressão e destruição. A obra mais madura de Karl Marx (*Grundrisse*), a que desejo voltar a debruçar-me nesses estudos, a fim de compreender o valor prognóstico de seus ensaios que influenciaram Walter Benjamin.

Consciente da importância das obras cinematográficas, Benjamin era um amante da Sétima Arte e foi um dos primeiros filósofos a se dedicar ao estudo daquela arte considerada como “arte de parque de diversões”. Contudo, a visão do cinema contida na teoria de Benjamin sobre a reprodutibilidade é de uma arte que penetra as vísceras da realidade, abrindo o caminho para o inconsciente ótico, talvez pensando que os filmes pudessem ser uma espécie de sonho coletivo. São, de fato, conceitos de uma singular beleza. O que ele preconiza é a existência de um espaço de democratização estética, através de suas reflexões acerca da recepção e dos modos de fruição nessa era da arte do



movimento. Estenderia sua compreensão para alastrar ainda mais esse conceito, visto que permanece em constante estado de expectativa, empurrado pelos ventos transformadores da tecnologia, a ponto de esperar dele verdadeiras explosões de caráter sensível.

Reconhecemos que o debate sobre este tema pode ser frutífero, à medida que o advento da *internet* e os recursos da micro-informática se tornam desde alguns anos, meios que potencialmente nasceram com disposição a revolucionarem os sentidos da comunicação e das artes. Isso dado, recuperando os ideais de Benjamin, poderia nos fazer pensar numa participação renovadora por parte das massas, o que, certamente, deveria levar à condições para um maior análise crítica da realidade, algo que tem corrido com relativa intensidade nos filmes e vídeos produzidos nas periferias das grandes cidades brasileiras.

Se, como na ótica benjaminiana, a arte desses tempos onde o progresso tecnológico deveria ter função emancipatória, fosse democraticamente acessível, bem como os novos meios de comunicação, certamente o público deveria estar mais consciente de sua participação nela. Relegado dessa discussão, o público se vê mais distante do protagonismo artístico, porquanto se percebe abolido solenemente da aproximação entre humano e máquina. Embora hajam processos isolados de inclusão advindos do chamado Terceiro Setor (organizações não governamentais), o que é mais freqüente hoje é a estetização do social, a despeito da politização da arte defendida pelo entusiasta Benjamin. Esse processo oposto ao do reconhecimento emancipatório de Benjamin gera ainda maiores equívocos, já que serve para reafirmar o *status quo*. É como se houvesse uma espécie de “desideologização da estética”. Esse fenômeno, em particular, foi consumindo quase toda a realização cinematográfica atual, desmontando toda a idealização benjaminiana de autonomia. A única forma de anularmos o monopólio cultural é igualando as condições econômicas e sociais. Mas, ainda há os apressados que se opõem, todavia, àquela estética defendida por ele, visto que não reflete mais a realidade, esquecendo-se de historicizá-la. Mal entendido à parte, intercedo, não podemos compreender a reflexão de Benjamin com os olhos da realidade atual: não dá para avaliar, era outro o contexto em que foi pensado.



Algo que não seria possível prever à época, sua relação com o mundo digital numérico e binário (conjugação de números “zero e um”), à maneira pitagórica, representasse um retorno às relações do mundo material com a expressão numérica, quando o espaço da tela pudesse ser projetado sem a presença material do objeto filme, por exemplo, que torna-se uma realidade hoje (no cinema digital), jamais poderiam estar presentes na imaginação de qualquer cientista, que dirá um pensador das artes. Hoje, o mundo digital, capaz de ser acessado por um *download* permite baixar o maior número de informações no menor espaço de tempo, está restrito ainda a poucos, porém se multiplica cada dia mais. É o caminho da virtualidade que se autonomiza da matéria física, algo impensável antes. Carregar-se no bolso um *pen drive* com toda a biblioteca particular de um autor, tanto mais improvável para Benjamin. O otimismo desse autor talvez visse na verificação desse mundo virtual, que nasce sem aura, uma possibilidade para resolver problemas espaciais, encurtados em tempo real por soluções próximas que não fossem materiais, porquanto independentes e autônomas em si, provocadas pelo inconsciente humano, como numa virtualidade moral, encontrada dentro dele mesmo. Para terminar, permitamo-nos decidir que só nos resta esperar o gênio que, em posse desse enorme acúmulo de informações relativas à estética contemporânea, realize uma síntese possível de revisar o que já estava prefigurado nos fragmentos de Benjamin: a imagem do mundo que estamos produzindo. O certo é que muito haveria de se construir sobre as ruínas de nosso tempo e, a rigor, o cinema ainda está nascendo, posto que faz pouco tempo que adquiriu sua autonomia das outras artes, elevando-se pelas suas potencialidades e meios, afirmando-se na renovação constante, mas seu descendente direto, o vídeo digital, tem potencial de autonomização ainda maior, podendo dar, enquanto meio, muito maiores oportunidades de acesso à tecnologia àqueles que sequer tiveram direito ao alfabeto.

Agora haveremos de mudar o estado de coisas que estava imperando, substituindo um mundo privado dentro da tela, por um campo aberto em que todos possam se jogar, na imersão, seja concreta ou imaginária, como no início aludido em documentário e ficção, posto que seu progresso previsível é de liberdade conceitual no que toca à autonomia e independência, imanentes, algo que nos parece primordial na arte: a abertura. A tela como uma janela para as massas.



Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (Volume 01). Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.

BENTES, Ivana. Ecos do Cinema: de Lumière ao digital. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

CASALEGNO, Federico. Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes. Tradução de Adriana Amaral, Francisco Rüdiger e Sandra Montardo. Porto Alegre: Sulina, 2006

DOMINGUES, Ivan. Ética, ciência e tecnologia. *Kriterion*, Belo Horizonte, UFMG, v. 45, n. 109, jan./jun. 2004. p. 159-174.

DOWNING, John D. H. Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. Trad.: Silvana Veira. Ed. SENAC, São Paulo, 2002.

DUARTE, Rodrigo. A ética nos mass media. *Diversa*, Belo Horizonte, UFMG, ano 2, n. 4, mai 2004. p. 12-15.

FAUSTO NETO, Tiago Quiroga. Comunicação: Saber em Evidência. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, IV, 2004, Porto Alegre. *Anais*. Porto Alegre: PUC, 2004. p. 15-30.

FISCHER, Ernst. A necessidade da arte, Rio de Janeiro, Trad.: Leandro Konder, Zahar Editores, 1981.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin, Coleção Encontros Radicais, São Paulo, Ed. Brasiliense.

GOLDBERGER, T.C. Netto – A.M.. Arte contemporânea: condições de ação social. Coleção Nova Crítica. São Paulo, SP:Ed. Documentos, 1969.

HABERMAS, J. Modernidade – um projeto inacabado. In: ARANTES, O. & ARANTES, P.: Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas. São Paulo: Brasiliense, 1992.



HAUSER, Arnold. História social da arte e da literatura; Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo. Martins Fontes, 1998.

LEÃO, Lúcia. Derivas: cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume. Senac, 2004.

LÉVY, Pierre. O que é o virtual? Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LOPES, Luiz Carlos S. A comunicação e o desenvolvimento da sociedade. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, UFRJ, v.2, n.2, p. 192-196, set. 2006.

MÉSZÁROS, István. Para além do capital. Ed. Boitempo, São Paulo, 2004.

MITCHELL, W.J.Thomas. What do pictures want?: the lives and loves of images.

MUELLER, R. Comunicação de massas e poder de criação. Trad.: Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Ed. Lidador, 1965.

PASSARELLI, Brasilina. Interfaces digitais na educação: @alucin[ações] consentidas. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo: Escola do Futuro da USP, 2007.

PAVIANI, Jayme. Estética e filosofia da arte. Porto Alegre, Sulina, 1973.

PETERS, Paul Léglise – J.L.M. O cinema arte e indústria. Trad.: Armando Carvalho,

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Comunicação digital e a construção dos commons: redes virais, espectro aberto e as novas possibilidades de regulação. São Paulo: Edit. Fundação Perseu Abramo, 2007.

WOHLGEMUTH, Júlio. Vídeo educativo: uma pedagogia audiovisual. Brasília: Editora Senac – DF, 2005.